

IDENTIDADE NACIONAL E EXPERIÊNCIA URBANA VIVENCIADA NO RIO DE JANEIRO DE LIMA BARRETO
NATIONAL IDENTITY AND LIVED URBAN EXPERIENCE IN LIMA BARRETO'S RIO DE JANEIRO

Rômulo Filizzola Nogueira¹

RESUMO: Este artigo analisa o Rio de Janeiro na obra do escritor carioca Lima Barreto (1881-1922), sob a ótica da identidade nacional e da experiência vivenciada de seus habitantes. Ao conferir importância à experiência individual dos habitantes do Rio de Janeiro da Primeira República, Lima Barreto desenvolveu um discurso de resistência ao modelo oficial baseado nas idéias de ordem, progresso, civilização e higiene. O escritor elabora em seus romances, contos, crônicas e diários, uma argumentação que coloca em tensão a cidade dos indivíduos excluídos e a identidade nacional que se pretendia forjar com as reformas urbanísticas do início do século vinte.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade nacional. Experiência urbana vivenciada. Rio de Janeiro. Lima Barreto.

Introdução

Ao final de seu romance mais conhecido, Lima Barreto expressa seu ideal de literatura na reflexão de uma personagem que lança o olhar na paisagem do Rio de Janeiro. Olga deixa o Palácio do Itamarati, a que viera pedir pessoalmente ao Marechal Floriano fosse poupada a vida de seu padrinho. Pensava na insensatez dos homens de governo que enxergavam no inofensivo major Policarpo Quaresma um traidor da pátria e, por isso, se arrogavam o direito de matá-lo. Preferiu não insistir e sequer falou com o ditador. Saiu da sede do governo, avistou no horizonte Santa Teresa e, logo na sua frente, o Campo de Santana, a que se dirigiu. Lembrou-se:

que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos. Fora há quatro séculos. Olhou de novo o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, as casas, as igrejas; viu os bondes passarem; uma locomotiva apitou; um carro, puxado por uma linda parelha, atravessou-lhe na frente, quando já a entrar do campo... Tinha havido grandes e inúmeras modificações. Que fora aquele parque? Talvez um charco. Tinha havido grandes modificações nos aspectos, na fisionomia da terra, talvez no clima... Esperemos mais, pensou ela; e seguiu serenamente ao encontro de Ricardo Coração dos Outros (BARRETO, 2009, p. 235).

Nessa passagem de rara beleza, Olga relê o passado da cidade e de seus habitantes, ao mesmo tempo em que projeta para o futuro uma expectativa de mudança no espírito de seus

¹ Mestrando em Teorias Jurídicas Contemporâneas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (linha de pesquisa: Direitos Humanos, Arte e Sociedade). Trabalho entregue como conclusão da disciplina “Memória, paisagens urbanas e identidade visual”, ministrada pela professora Andréa Casa Nova Maia no Programa de Doutorado em História Social do IFCS/UFRJ. e-mail: romulofn@yahoo.com.br.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

cidadãos, que, assim como a terra e o clima, acabariam um dia por se modificar. No trecho que encerra sua obra prima, o escritor carioca empresta ao espaço urbano do Rio de Janeiro o significado de seu ideal literário. É que esse anseio de mudança e reforma da sociedade, que alimenta a reflexão de Olga e se expressa na metáfora criada por seu olhar, traduz a essência da literatura militante de Lima Barreto, uma literatura concebida “para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade” (BARRETO, 1961e, p. 33).

Nesta, como em outras passagens de sua obra, a cidade se envolve com as personagens criadas pelo escritor, que não apenas habitam o Rio de Janeiro, mas vivenciam a cidade, projetam seus desejos e anseios em suas ruas, vielas, jardins, no seu casario, na sua paisagem, enfim. Algumas personagens se entrosam com a cidade de tal forma, que com ela se confundem. Outras se chocam com o cenário da Rua do Ouvidor, que faz um morador do subúrbio sentir-se estrangeiro no seu próprio país. E os espíritos formados em Botafogo e Petrópolis irão, por sua vez, recusar a realidade dos subúrbios e do Morro do Castelo, realidade que não se identifica com o Brasil por eles imaginado. Essa interpenetração homem e cidade, essa compreensão da experiência da cidade como uma experiência individual, tão característica em Lima Barreto, confere um sentimento próprio à cidade em sua obra.

Talvez seja ele o escritor brasileiro que melhor expressou na ficção a idéia de Marsílio de Ficino de que a cidade não é feita de pedras, mas de homens. Suas personagens a todo momento atribuem valor aos edifícios e demais componentes da realidade que os circunda, e mesmo os comumente excluídos da sociedade, os marginalizados, são capazes de pensar o espaço urbano. Nisto se revela um intelectual que, a despeito do caráter literário e por vezes panfletário de sua produção, soube empregar elementos que se identificam com o pensamento urbanístico contemporâneo. Ao se opor ao modelo oficial, que se apresentava como portador dos valores da ordem e do progresso, Lima Barreto desenvolveu um discurso de resistência no seio de uma sociedade que encarava o embelezamento da Capital Federal como um verdadeiro passaporte para ingresso no mundo dito civilizado.

A obra de Lima Barreto e o Rio de Janeiro é um tema que sugere leituras múltiplas. Dentre as leituras possíveis, este texto se propõe a demonstrar que o escritor carioca encarou a experiência da cidade como uma experiência individual, e não como um espaço para construção de uma imagem internacional. Giulio Argan observa que essa maneira de compreender a cidade prestigia a atribuição pessoal de valor aos dados visuais, equiparando o *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

valor da cidade ao conjunto das experiências individuais. E possibilita que se afastem as abstrações de conveniência como “civilização”, “progresso”, “modernidade”, “higiene”, que, em regra, desconsideram a realidade da maioria da população e a relação primária que estabelecem com a cidade, uma relação de moradia (ARGAN, 1993, p. 231). Na literatura de Lima Barreto, os argumentos do governo, não obstante o verniz de cientificidade que os encobre, perdem relevo ante a experiência individual dos moradores da cidade, experiência que possibilita a formação de uma consciência própria e se desenvolve para a composição de um sentimento da cidade.

1 Lima Barreto, Rio de Janeiro e identidade nacional

Lima Barreto nasceu em 1881 no Rio de Janeiro, então Município Neutro do Império, e faleceu na mesma cidade em 1922, à época Capital Federal da República. “Sou homem da cidade, nasci, criei-me e eduquei-me no Rio de Janeiro” (1961b, p. 246), regozijava-se, com suas “fumaças de carioca da gema” (2004, v. 1, p. 386), ao refletir sobre sua relação com a cidade, de que se retirou em apenas três rápidas ocasiões. Essa proximidade física e afetiva é transposta para a produção literária. A cidade é um tema que se faz presente em sua primeira publicação, *O subterrâneo do Morro do Castelo*, de 1905, e o acompanha até as últimas crônicas do ano de sua morte. A presença constante e ininterrupta levou Afonso Carlos Marques dos Santos a afirmar que o “Rio de Janeiro é, sem dúvida, a personagem fundamental da obra de Lima Barreto” (2007, p. 144). Beatriz Resende, em texto que analisa sua atividade de cronista, afirma que a cidade será o seu “principal tema, admirando suas belezas, defendendo seus habitantes, registrando as modificações que nela ocorriam, lutando por sua preservação como se cuida de um objeto de amor”(RESENDE *in* BARRETO, 2004, v. 1, p. 9).

Fascinava-lhe sua fisionomia de cidade espontânea, que se formara conforme uma lógica própria, sem atender ao “estabelecido na teoria das perpendiculares e oblíquas”, sofrendo “o influxo do local em que se edificou e das vicissitudes sociais por que passou” (BARRETO, s.d., p. 66). Uma cidade “semeada de colinas pitorescas, arborizadas ou não, que formam o seu verdadeiro encanto”, “dando-lhe a sua beleza especial, o seu *cachet* de grandeza, e a sua simplicidade de horizontes” (2004, v. 1, p. 480), com sua topografia peculiar, cujas “montanhas e colinas afastam e separam as partes componentes da cidade”

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

(2004, v. 1, p. 65), mas lhe conferem “essa moldura de poesia de sonho e de grandeza” (2004, v. 1, p. 68).

Lima Barreto sabia que a discussão da arquitetura e do urbanismo carioca não encerrava um debate restrito à identidade urbanística da cidade. Seus escritos revelam a percepção de que a remodelação urbana da Capital Federal possuía um significado transcendente, pois tocava com a identidade nacional, envolvendo todo o Brasil: “a nossa cidade não é só a capital política do país, mas também a espiritual, onde se vêm resumir todas as mágoas, todos os sonhos, todas as dores dos brasileiros”(1961b, p. 246). Por isso, criticava o artigo da Constituição de 1891 que previa a transferência da Capital Federal para o centro do país no Planalto Central.² É que atendia ao “espírito estritamente geométrico do positivismo”, além de encerrar uma imitação dos Estados Unidos, embora Washington parecesse ao escritor “unicamente uma capitalzinha política” e Nova Iorque, que “não fica nem nunca esteve no centro”, fosse então “uma das maiores cidades do mundo”. Acrescentava que as capitais mais espontâneas não ficavam nessa posição (2004, v. 1, p. 386).

Não fosse a vida desregrada, a pindaíba constante, talvez tivesse Lima Barreto vivenciado, para o seu desespero, a concretização do sonho republicano de transferência da Capital Federal. Sua morte prematura não impediu, porém, que assistisse a dois momentos de intensa transformação da cidade em que nasceu. Era ainda estudante de engenharia na Escola Politécnica, quando Pereira Passos assumiu com poderes absolutos a Prefeitura do Rio de Janeiro, para promover o que Gilberto Amado chamaria a maior revolução do Brasil e Afonso Arinos qualificaria como uma mudança de capital sem deslocamento: “pode-se dizer, sem ênfase, que a capital mudou duas vezes: uma sem sair do lugar, 1902 a 1906; outra com a construção de Brasília” (FRANCO, 2000, p. 401 - 416). Lima Barreto, em tom crítico, iria esquivar-se da vaga apologética: “de uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia” (1961f, p. 106).

No momento em que Rodrigues Alves e Pereira Passos conferiam expressão urbanística e edilícia à aspiração republicana de conciliar a Capital Federal com o ideário de progresso e civilização, Lima Barreto ainda não tinha espaço na imprensa como cronista, mas publicou no *Correio da Manhã* uma série de reportagens sobre as escavações do Morro do

² Segundo o art. 3º da Constituição Federal de 1891: “Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital federal.”

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

Castelo. Neste folhetim, o escritor parte de uma notícia jornalística referente às obras de construção da Avenida Central, que implicaram a demolição de um naco da colina, para discutir através da ficção o imaginário nacional que se projetava com a transformação da Capital Federal. Mais do que um local na cidade, o Morro do Castelo aparece em Lima Barreto como um lugar no discurso, um verdadeiro *topoi* retórico³. O seu espaço sugere lembranças da história do país que o furor republicano pretendia apagar, ao mesmo tempo que possibilita debates para o futuro.

O escritor foi dos poucos intelectuais de seu tempo que defendeu a permanência do que chamava “célula matriz de Sebastianópolis”, “venerável morro” e “morro encantado” (BARRETO, 1999). Sua população e seus hábitos incomodavam a elite da época, por tornarem visível o passado colonial português e escravocrata. No período de Pereira Passos, demoliu-se apenas a ladeira do Seminário, um dos três acessos ao topo do morro do Castelo, mantendo-se o que parecia ao criador da antonomásia Cidade Maravilhosa “um quisto no rosto da cidade”, “um enorme monturo de casario arruinado e lóbrego onde se aloja a miséria e pulula a vérmina” (NETO, 2009, p. 31). Foi na gestão de Carlos Sampaio, responsável pela preparação da cidade para abrigar a Exposição Internacional do Centenário da Independência em 1922, que o morro do Castelo seria de fato demolido (Cf. KESSEL, 2008 e 2001). Lima Barreto presenciaria no fim de sua vida essa segunda transformação da cidade: “remodelar o Rio! Mas como? Arrasando os morros... Mas não será mais o Rio de Janeiro; será toda outra qualquer cidade que não ele” (2004, v. 2, p. 207). A projeção de uma imagem internacional catita, adjetivo que gostava de repetir, aliou-se a interesses financeiros para apagar da topografia do Rio de Janeiro um espaço que se identificava com a realidade brasileira.

Em carta a Assis Viana, Lima Barreto critica a postura dos brasileiros que não aceitavam quando diziam que aqui havia negros:

A nossa mania de fachadas leva-nos a prorromper em berreiros pelas colunas dos jornais, reclamando dos poderes públicos providências para que sejamos conhecidos na Europa, Ásia, etc, a fim de evitar que os estrangeiros não mais nos caluniem, dizendo que aqui há negros e mulatos; entretanto, não nos lembramos que não nos conhecemos uns aos outros, dentro do nosso próprio país, e tudo aquilo que fica pouco adiante dos subúrbios das nossas cidades, na vaga denominação de Brasil, terra de duvidosa existência, como a sua homenagem da fantástica geográfica pré-colombiana (1961c, t. 1, p. 270).

³ Na obra *The Future of Nostalgia*, Svetlana Boym explora a topografia do mito urbano, ao evocar a origem grega dessa palavra. Seu raciocínio se desenvolve a partir da lenda de Simonides, conjugando as duas acepções do vocábulo grego *topos*: lugar no mundo (*topoi* físico) e lugar no discurso (*topoi* retórico). De modo que os locais da cidade são compreendidos como contextos para discussão. BOYM, 2001, p. 77-79.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

Num momento de aguçado mimetismo cultural em toda a América Latina, a existência da população negra no país era pretexto para que os vizinhos desqualificassem o Brasil como um país distante da civilização européia. As caricaturas de macaco ofendiam os brios patrióticos dos brasileiros que não queriam ver o Brasil como ele realmente era. Lima Barreto não perdia a oportunidade para satirizar essa postura das nossas elites: “precisamos nos convencer de que não há nenhum insulto em chamar-nos de macacos. O macaco, segundo os zoologistas, é um dos mais adiantados exemplos da série animal; e há mesmo competências que o fazem, senão pai, pelo menos primo do homem” (2004, v. 2, p. 224). Há nisso uma crítica a como os brasileiros da Primeira República se compreendiam como nação, como eles se imaginavam e forjavam a identidade nacional. Imaginava-se um Brasil europeu, um Rio de Janeiro como uma Paris nos trópicos: “outra pretensão curiosa da gente daquela província de Bruzundanga é afirmar a sua casquilha capital é uma cidade européia” (1961f, p. 141). Essa identificação européia era inconciliável com a permanência do Morro do Castelo no centro da cidade. A imagem do Brasil no exterior, construída em larga medida pelo Barão do Rio Branco, exaltava a riqueza do país na exportação dos gêneros agrícolas, mas negava a existência de negros: “Bruzundanga, País Rico – Café, cacau e borracha. Não há pretos” (1961f, p. 149).

Lima Barreto iria deslocar a literatura brasileira da época, uma literatura contemplativa, sem preocupação social, praticada pela geração de Coelho Neto e Afrânio Peixoto como “um sorriso da sociedade”,⁴ o que se refletia na ambientação dos romances urbanos restrita a Botafogo e Petrópolis. No que se pode considerar o pensamento de Lima Barreto, o conceito de botafogano desempenha papel central, pois traduz a mentalidade mimética de nossa elite: “Botafogano é o brasileiro exilado no Brasil; é o homem que anda, come, dorme e sonha em Paris” (1961c, t.1, p. 234). Petrópolis aparece como um local que abriga uma sociedade fútil, com “a mais estúpida mania dos brasileiros”, a mania da aristocracia, num país em que os nobres “se casaram em toda a parte, eles nunca se importaram com forais” e, com isso, “degradaram-se porque não respeitaram as regras da

⁴ A expressão “sorriso da sociedade” vem da seguinte passagem: “A literatura é como o sorriso da sociedade. Quando ela é feliz, a sociedade, o espírito se lhe compraz nas artes e, na arte literária, com ficção e com poesia, as mais graciosas expressões da imaginação. Se há apreensão ou sofrimento, o espírito se concentra, grave, preocupado, e, então, história, ensaios morais e científicos, sociológicos e políticos são-lhe a preferência imposta, pela utilidade imediata.”Encontra-se em PEIXOTO, 1940, p. 5. Para uma visão crítica dessa geração, ver: PEREIRA, 1950, p. 250 et seq.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

linhagem” (s.d., p. 58). Incomodava o escritor o anseio de nobreza num país em que a instituição não se sustinha, pois suas regras nunca foram respeitadas. Botafogo e Petrópolis se equivaliam na falsa idéia que tinham do país. Essas reflexões a respeito da nobreza brasileira saíam da boca de Gonzaga de Sá, cuja ascendência remetia ao fundador do Rio de Janeiro:

Fugi dessa gente de Petrópolis, porque, para mim, eles são estrangeiros, invasores, as mais das vezes sem nenhuma cultura e sempre rapinantes sejam nacionais ou estrangeiros. Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus “galegos” também... (s.d. p. 59).

Em sua quase-cruzada contra o que lhe parecia um ataque de megalomania de nossa sociedade, que só “pensa nesses arremedos parisienses” (2004, v. 2, p. 207), o escritor prestigiará em sua obra localidades que abrigavam os excluídos da Belle Époque tropical, o que fugia ao padrão consagrado da literatura *art nouveau*. Em seus escritos resplandecem os subúrbios cariocas, o Morro do Castelo e os bairros da Gamboa e da Cidade Nova. Monica Velloso, no estudo que dedicou às tradições populares cariocas, reconhece que “na obra de Lima Barreto, o subúrbio se transforma na verdadeira Nação, enquanto a outra parte da cidade representa a Nação inventada” (VELLOSO, 1987, p. 40). E isso se deve ao povo que lá se encontra com suas festas, cantigas, narrativas, tradições, enfim. Lima Barreto, tal como o major Policarpo Quaresma, interessava-se pelas manifestações populares e procurou recolhê-las para impedir que preconceitos sob o signo do progresso e do cientificismo acabassem com o nosso folclore e suas superstições (Ibid., p. 43). Talvez a maior superstição que já houve na história do Rio de Janeiro, verdadeira lenda, seria reanimada no quadriênio do governo Pereira Passos, por ocasião das obras de construção da Avenida Central. Em homenagem ao traçado retilíneo desse bulevar, demoliu-se a ladeira do Seminário do Morro do Castelo, desobstruindo duas galerias subterrâneas que esconderiam os lendários tesouros dos jesuítas.

É com base neste acontecimento, a descoberta das galerias, que Lima Barreto desenvolverá um folhetim que entrosa realidade com ficção, apresentando o Morro do Castelo como um contexto para lembrança e debate para o futuro do país. Nesta que foi sua primeira publicação, o escritor apresenta elementos do que lhe parecia ser a verdadeira identidade do Brasil, calcado nas tradições populares do morro que fora berço da cidade, opondo tais elementos à construção da Avenida Central, síntese das ambições de progresso e civilização daquele empreendimento urbanístico.

Segundo a lenda que compunha a mitologia popular urbana carioca, os jesuítas, cuja igreja se localizava no topo do Morro do Castelo, teriam escondido seus pertences nas galerias subterrâneas da colina, após serem expulsos do país pelo Marques de Pombal em 1759. Entre os pertences entesourados estariam estátuas dos doze apóstolos em ouro. Partindo da desobstrução das galerias, Lima Barreto empresta contornos fictícios ao Doutor Rocha Leão, que afirma saber o local do tesouro, mostrando ao repórter um pergaminho que narra a “história de uma condessa florentina conduzida para o Brasil num bergantim e aqui recolhida ao claustro do Castelo aos tempos da invasão de Duclerc” (1999, p. 60).

O escritor opera uma sobreposição temporal na narrativa e desenvolve um relato que se passa no século XVIII e se estrutura num triângulo amoroso entre a condessa florentina Dona Garça, Jean François Duclerc, corsário francês que comandou a invasão do Rio de Janeiro em 1710, e João de Juquieres, um padre jesuíta que a Companhia de Jesus enviará para a cataquese no sertão dos índios Goianases, onde o bandeirante paulista Anhangüera descobrira minas de ouro. Na narrativa que se desenvolve ao tempo das escavações, Lima Barreto descreve uma sessão de espiritismo em que aparecem os espíritos do “Visconde de Mauá, fundador das estradas de ferro no Brasil,” e de Dom José I, que assegura que seu ministro, o Marques de Pombal, reencarnara no corpo de Paulo de Frontin. Com isso, o texto associa o “reconstrutor de Lisboa” ao “construtor da Avenida Central”, para mais à frente acrescentar que Paulo de Frontin “seria o encarregado de reconstruir o Rio de Janeiro” (Ibid., p. 52-55). Note-se que no folhetim de Lima Barreto o nome do prefeito Pereira Passos não é sequer mencionado. Isso revela a compreensão de que o grande símbolo da modernização era a Avenida Central, obra na qual o Bota-abixo não tinha ingerência, pois o governo federal incumbira Paulo de Frontin de seu planejamento e construção (NEEDEL, 1993, p. 58-59). Por isso, este engenheiro encarna o “reconstrutor de Lisboa” e aparece como “encarregado de reconstruir o Rio de Janeiro”.

Como aponta Marcel Vejmelka, Lima Barreto cria um jogo literário “com as “camadas profundas” da história do Rio de Janeiro e do Brasil, entre o mito e a modernidade, entre o progresso e os avanços subterrâneos”(VEJMEKKA, 2008, p. 176). O folhetim permite a Lima Barreto desenvolver um relato fictício que, ao apresentar o “morro multissecular”, confere relevo à tradição popular carioca, seu sincretismo religioso, arquitetura e espírito colonial. Esses componentes do que o romancista compreendia como a verdadeira nação brasileira eram repudiados pela intelectualidade da época. É o que se nota no relato que Luiz Edmundo traçou do Morro do Castelo:

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

Todo um conjunto de telhados pardos e tristonhos, erguidos numa feição desirmanada e chué: prédios desrebecados, encardidos, remanescentes, embora, de nobres residências, verdadeiros frangalhos arquitetônicos. [...] O casario é enorme, desarrumado e confuso (2003, p. 125).

Ainda menos amistosas são suas palavras a respeito da religião praticada no morro, com a qual Lima Barreto costura sua narrativa:

Na macumba, instruem-nos os que vão beber a verdade das coisas na Bíblia de Allan Kardec, só se manifestam espíritos grosseiros que ainda se rendem aos instintos terrenos da vida e ainda não se libertaram da crosta vil do atrasado Planeta; almas rastejadoras, indomáveis, violentas. Todo um mundo de sofredores, ralé curtida pela dor, à espera da grande luz de Deus, que tarda a vir, mas que um dia chegará. O espectador de baixo nível intelectual, entanto, com esses, comodamente, conversa, discute, fala, pede conselhos... (Ibid, p. 139).

Se analisado em conjunto com sua obra, o primeiro trabalho de Lima Barreto sugere que a realidade que se descortina com a abertura da Avenida Central, “símbolo mais tangível do novo momento vivido no Brasil” (FABRIS, 2000, p. 21), encerra a criação de uma pseudonação, forjada para deleite dos estrangeiros e da elite brasileira formada na mentalidade botafogana. Como reação, o escritor prestigia elementos de nossa formação que não se ajustavam a esse Brasil do “progresso iconoclasta” (1999, p. 119) e, por isso, tendiam a desaparecer. Em seu texto inaugural, Lima Barreto deu vida a elementos da história colonial que se identificavam com o Morro do Castelo. Nele aparecem o Marquês de Pombal, Duclerc, o Conde de Bobadela, os jesuítas, os bandeirantes, os escravos e os índios. O colorido que empresta à sua narrativa lendária ecoa no brado de Gonzaga de Sá: “eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus “galegos” também... (s.d., p. 59).

Lima Barreto soube perceber que o Brasil cosmopolita, civilizado e moderno, não forneceria espaço para o sincrético, mestiço, supersticioso, heterodoxo, enfim. O Brasil que emergia da construção da Avenida Central impunha uma leitura linear e homogênea de sua realidade cujo horizonte seria a experiência européia. Forjava-se um novo imaginário que resgatará na memória brasileira o Barão de Mauá, construindo-lhe um monumento no início do bulevar, ao lado do maior porto do país. Seu empreendedorismo se harmonizava com o universo simbólico fundado nas aspirações de modernidade e progresso que se pretendia instalar.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

Cortando a Avenida Central, a Rua do Ouvidor com suas mercadorias de luxo representava para a elite brasileira a Europa, assim como Petrópolis e seus lares em Botafogo. Nela “reinavam apenas os artigos europeus de luxo mais finos e as últimas “conquistas”. Ali, tudo que era inédito e “civilizado” estreava: vitrines, sorvete, bondes, literatura, iluminação a gás e *la mode*” (NEEDELL, 1993, p. 194). A ascensão do fetichismo de consumo associou-se à fantasia da elite brasileira em identificar-se com a vida aristocrática européia, de modo que o consumo de mercadorias francesas e inglesas era compreendido como uma verdadeira inserção no mundo civilizado. Os paradigmas europeus, por inadequados que fossem, serviam para expressar o gosto e a posição na Rua do Ouvidor. Essa dominação cultural da elite brasileira refletia a realidade das relações neocoloniais do Brasil com o Atlântico Norte, que Jeffrey Needell tão bem explicou no seu *Belle Époque Tropical*. Em capítulo dedicado à ascensão do fetichismo de consumo, o brasilianista explora três manifestações desse fenômeno: o comércio de luxo, a moda do vestuário e a prostituição elegante. A compra tornara-se uma aventura divertida para os ricos e a aquisição de mercadorias um mergulho numa fantasia sociocultural com proporções teatrais. O vestuário aparecia como o meio mais ostensivo de reprodução da vida aristocrática européia. E as festejadas atrizes, dançarinas e moça de café, ao venderem seus encantos públicos e privados, eram identificadas com mercadorias parisiense caras, ao mesmo tempo em que não deixavam de ser mulheres européias e “poderiam, então, ensinar os cobiçados refinamentos de civilização” (Ibid., p. 206).

Essa compreensão de que as mercadorias européias consagradas, inclusive as “damas fáceis”, emprestavam ao seu consumo um caráter fetichista, uma atribuição de valor ideológico, que em nossa realidade periférica se confundia com a exaltação do padrão aristocrático europeu, foi desenvolvida por Lima Barreto numa metáfora, que representa, sem dúvida, uma das melhores páginas de sua obra. O escritor descortina as relações neocoloniais ao transformar as prostitutas em caravelas que fascinam as almas e mexem com o espírito de todo o país:

Uma tarde no Café Papagaio, vendo passar pela Rua Gonçalves Dias afora, de baixo para cima, de um lado para outro, grandes mulheres estrangeiras, cheias de jóias, com espantosos chapéus de altas plumas, ao jeito de velas enfunadas ao vento, impelindo grandes cascos; vendo-as passar a pé, de carro, abarrotadas de pedrarias, e ouro, e sedas roçantes, centralizando os olhares do juiz, do deputado, do grave pai de família, das senhoras honestas e das meninas irrepreensíveis, eu me lembrei de uma fase de Gonzaga de Sá: a dama fácil é o eixo da vida. [...] e seus cabelos dourados

faziam estremecer os ares, as casas, as almas da cidade. [...]. E daí iam transtornando tudo pelas ruas afora. [...].

Na Rua Primeiro de Março, as montras dos cambistas, ao perfume estrangeiro das recém-vindas, quase se desventram e se abrem prodigamente a lhes dar moedas e notas, muitas e muitas. Elas seguem...É a Rua do Ouvidor. Então é a vertigem; todas as almas e corpos são arrebatados e sacudidos pelo vórtice. Há uma energia poderosíssima nelas todas e nas coisas de que se vestem; há atração, fascinação para o esquecimento de nós mesmos e apagamento da nossa personalidade na luminosidade dos seus olhos. É mágico e sobrenatural. [...].

É uma população, um país inteiro que converge para aqueles seres de corpos lassos. E elas continuam a passar muito grandes, bojudas, como cascos antigos rebocados pelos grandes chapéus de altas plumas, ao jeito de velas enfunadas ao vento. Passavam às duas, às quatro, como frotas, aquelas frotas de outros tempos, esquadras de naus, de caravelas, de galeões que vinham às Américas buscar a prata de Potosi e ouro do coração do Brasil. E a civilização se faz por meios tão vários e obscuros que me pareceu que elas, como veneráveis galeões que evocavam, traziam às praias do Brasil as grandes conquistas da atividade européia, o resultado do difícil e lento evolver dos milênios. Lembrei-me então duma frase de Gonzaga de Sá. Disse-me ele uma vez no Colombo:

-Estás vendo estas mulheres?

-Estou respondi.

-Estão se dando ao trabalho de nos polir.

De fato, elas nos traziam as modas, os últimos tiques do boulevard [...]-cousas fúteis, com certeza, mas que a ninguém é dado calcular as reações que podem operar na inteligência nacional. A sua missão era afinar a nossa sociedade, tirar as asperezas que tinham ficado da gente dada à chatinagem e à veniaga dos escravos soturnos que nos formaram; era trazer aos intelectuais as emoções dos traços corretos apesar de tudo, das fisionomias regulares e clássicas daquela Grécia de receita com que eles sonham. [...].Assim, ateariam o comércio e estimulariam o contacto entre a nossa terra e os grandes centros do mundo, requintando o gosto e o luxo. [...]E a civilização se faz por tantos modos diferentes, vários e obscuros, que me parecem ver naquelas francesas, húngaras, espanholas, italianas, polacas bojudas, muito grandes, com espantosos chapéus, ao jeito de velas enfunadas ao vento, continuadoras de algum modo da missão dos conquistadores (s.d., p. 103-106).

Talvez seja esta a passagem que melhor descreva o modo de ser da elite brasileira da Primeira República, uma elite que enxergava nos cafés e lojas de comércio elegante da Rua do Ouvidor um espaço de contato direto com Paris. Lima Barreto não negava a beleza da Rua do Ouvidor, como chegou a anotar em seu diário: “deixando a botica, fui à Rua do Ouvidor; como estava bonita, semiagitada! Era como um boulevard de Paris visto em fotografia” (1961d, p. 96). Mas não iria patrocinar os valores europeus, pois sabia que isso conduziria à negação dos valores culturais do país. Ele percebia na sociedade brasileira uma manifestação robusta daquilo que o filósofo Jules de Gaultier, sob a inspiração da Madame Bovary de Flaubert, denominava bovarismo: “o bovarismo é o poder partilhado no homem de se conceber outro que não é” (1961d, p. 93). O índice bovárigo serviria como medida do indivíduo real e o imaginário, entre o que ele é e o que acredita ser. Com base no livro de Gaultier, admitia a presença da fascinação pelo modelo estrangeiro na formação de qualquer

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

sociedade, mas ressaltava que essa presença só seria útil e progressiva se o modelo próprio e ancestral não fosse inteiramente substituído (2004, v. 1, p. 481).

Expressando o modelo próprio e ancestral da sociedade brasileira, o Morro do Castelo resplandecia no meio da Capital Federal, e ofuscava a fantasia européia da elite republicana. Lima Barreto sabia que essa fascinação pelo estrangeiro não era só postiça, como também autoritária. Sua implantação desconsiderava a realidade cotidiana dos moradores da cidade. O discurso fundado na racionalidade técnica e científica legitimava uma política autoritária e excludente. Não se buscava a dimensão humana do convívio urbano, o que incomodava o escritor em cuja obra Tristão de Ataíde reconheceu uma humanidade pungente, creditando-lhe o posto de “mais humano de nossos romancistas, o de mais vasta mirada” (LIMA, *in* BARRETO, s.d., p. 16). Esse humanismo ressoa na sua compreensão do fenômeno urbano. Por isso, saiu em defesa dos moradores do Castelo no final de sua vida. A Exposição Internacional do Centenário da Independência em 1922 seria o argumento definitivo, que se somaria ao velho discurso higienista, para o prefeito Carlos Sampaio extrair da cidade o que definia como um “dente da frente cariado” numa “linda boca”. O Morro do Castelo não se ajustava à imagem do país que se pretendia firmar, pois naquele momento só poderiam concorrer elementos que associassem o Brasil às idéias de progresso, civilização, higiene e beleza (MOTTA, 1991, p. 75-107). Seu capim, suas cabras, seu casario e, sobretudo, sua população depunham contra a imagem do país.

2 Experiência vivenciada no Rio de Janeiro de Lima Barreto

Menos preocupado com a imagem do que com seu uso, Lima Barreto compreendia a cidade como um espaço de experiência vivenciada, considerada a partir da experiência individual. O escritor nunca se deixou influenciar pelos discursos fundados na retórica cientificista, que se faziam acompanhar por uma série de abstrações de conveniência. Como nota Giulio Argan, essas abstrações “corroem em profundidade o conceito histórico de cidade, porque o afastam da experiência e, portanto, da consciência” (ARGAN, 1993, p. 230). O historiador italiano chama a atenção para a infinita variedade dos valores simbólicos que os dados visuais do contexto urbano podem significar para cada indivíduo, de modo que a cidade assume diferentes significados para cada um dos seus habitantes. Forma-se um sedimento inconsciente das noções de espaço e de tempo, que enseja a criação de imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória, imagens que podem ser visuais ou auditivas e, como *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

todas as imagens, podem ser mnemônicas, perceptivas e eidéticas. Argan transpõe o significado das interpretações individuais para o plano mais largo do urbanismo, ao afirmar que nenhuma análise sociológica pode desconsiderar o estudo da experiência urbana individual, que é o princípio de qualquer pesquisa sobre os modos de vida urbana de uma sociedade real. A tarefa do urbanismo é definida como a administração no interesse comum do patrimônio de valores urbanos, de maneira que o interesse comum seja composto por indivíduos reais, e não por uma sociedade ideal (Ibid., p. 231-233).

Ao carregar de humanismo suas reflexões a respeito da cidade que tanto amava, Lima Barreto expressou na ficção elementos que se inserem no debate atual da experiência da cidade. Afonso Carlos Marques dos Santos chegou a afirmar que, para Lima Barreto, “a identidade da Cidade precisava ser preservada, como direito comum a seus cidadãos, como parte da vida dos que nela viviam” (2007, p. 146). De fato, o escritor teve a percepção de que a preservação da cidade compunha um patrimônio intangível dos seus cidadãos, o que lhes conferia o direito de reivindicar sua preservação. O escritor expressou essa compreensão da experiência urbana numa crônica de 1911 em que saiu em defesa do Convento da Ajuda, que se localizava na atual Cinelândia e fora vendido a estrangeiros para ali construírem um hotel:

É que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires.

A Capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo. [...]

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas é que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos. [...]

O convento não tinha beleza alguma, mas era honesto; o tal hotel não terá beleza alguma e será desonesto, no seu intuito de surripiar a falta de beleza com as suas proporções mastodônticas.

De resto não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história.

Repito: não gosto do passado Não é pelo passado em si; é pelo veneno que ele deposita em forma de preconceitos, de regras, de julgamentos nos nossos sentimentos. [...]

Quando, entretanto, *eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as suas igrejas feias e seus conventos hediondos* (2004, v. 1, p. 99-100, grifo nosso).

Lima Barreto preocupava-se com os marcos e atestados da vida anterior da cidade, pois sabia que o bovarismo de nossa sociedade possuía uma vertente edilícia, que conduziria ao apagamento das manifestações do passado arquitetônico do Rio de Janeiro. Esses prédios que não seduziam a elite republicana significavam para os moradores da cidade uma tela para

projeção de suas lembranças, conferindo-lhes um significado peculiar, que se agregava como patrimônio intangível do ser humano:

Um dia faltou à repartição (contou-me isso mais tarde) para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castelo, visto cinquenta e tantos anos atrás, em hora igual, por ocasião de uma “gazeta” da aula primária. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dor! Assim, vivendo todo o dia nos mínimos detalhes a cidade, o meu benévolo amigo conseguira amá-la por inteiro (s.d., p. 64).

Nesta passagem de *Vida e morte de Gonzaga de Sá*, romance publicado em 1919, a personagem que dá nome à obra sente dor ao notar que “perdeu” um casebre do Castelo, decerto um dos frangalhos arquitetônicos de Luís Edmundo, um casebre que lhe permitia uma série de reflexões sobre sua existência, confundindo-se com sua própria vida. Sem dúvida, o traço mais característico deste romance de Lima Barreto, que começou a escrevê-lo em 1906 (1961d, p. 117), é a identificação das duas personagens principais com a cidade do Rio de Janeiro. O narrador Augusto Machado reconhece-se no espaço urbano: “saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim!” (s.d., p. 117). Gonzaga de Sá, por sua vez, carrega em seu nome o fundador da cidade e declara, na frase já citada, ser ele próprio o Rio de Janeiro dos tamoios, negros, cafuzos... Essas declarações não aparecem soltas no romance, que se desenvolve com base em reflexões a respeito dos mais variados pontos da cidade, reflexões que remetem à vida de Augusto Machado e Gonzaga de Sá. A narrativa encerra uma proposta de experiência vivenciada, uma sucessão de interpretações pessoais da cidade, que ilustram o sentimento de Lima Barreto pelo Rio de Janeiro. O escritor prestigia os mínimos detalhes, como o encontro das duas personagens “no terraço do Passeio Público, para ver certo matiz verde que o céu toma, às vezes, ao entardecer” (Ibid., p. 38). Antes que Gonzaga chegasse ao Passeio Público, seu companheiro faz durante meia hora um detido exame dos seus “atos passados”, “colhendo as suas analogias com o seu ambiente pátrio”. Põe-se a pensar em sua vida, associando-a à cidade: “fui bom e tolerante como o mar da Guanabara, que recebe o bote, a canoa, a galera e o couraçado; e, como ela, tranqüila sob a proteção de montanhas amigas, fiz-me seguro à sombra de desinteressadas amigadas.” Mulato como o escritor, Augusto Machado medita sobre a harmonia de sua existência com os componentes da paisagem que o circunda:

E assim, fui sentindo com orgulho que as condições do meu nascimento e o movimento de minha vida se harmonizavam – umas supunham o outro que se continha nelas; e também foi com orgulho que verifiquei nada ter perdido das

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

aquisições de meus avós, desde que se desprenderam de Portugal e da África. Era já o esboço do que havia de ser, de hoje a anos, o homem criação deste lugar. Por isso, já me apóio nas cousas que me cercam, familiarmente, e a paisagem que me rodeia, não me é mais inédita: conta-me a história comum da cidade e a longa elegia das dores que ela presenciou nos segmentos da vida que precederam e deram origem à minha (Ibid., p. 40-41).

Note-se que Lima Barreto exalta o que entendia ser a verdadeira identidade nacional brasileira, que se conformava com a identidade urbanística do Rio de Janeiro. Uma vez mais aparecem os componentes da narrativa lendária do Morro do Castelo. Decerto a passagem refere-se ao Rio de Janeiro que antecede a reforma urbana de Pereira Passos, ou, ao menos, ao que sobrou do seu passado. A reflexão traz implícita a idéia de que a cidade é um local de intervenção plural, ou, para usar uma imagem cara a Andreas Huysseln, a cidade aparece como um texto codificado de maneira heterogênea que se enche de vida graças à práxis cotidiana de seus habitantes (HUYSSSEN, 2002, p. 207). A heterogeneidade característica da formação do Rio de Janeiro aparece como algo a ser eliminado pela elite republicana, que assimila a arquitetura e o urbanismo como instrumentos para garantir a desejada imagem internacional do Brasil, uma imagem homogênea de matriz européia. Com isso, suprime-se o espaço urbano aberto e codificado de maneira heterogênea que fazia Augusto Machado pensar “nada ter perdido das aquisições de meus avós, desde que se desprenderam de Portugal e da África”.

No meio dos fragmentos de diário achados por Francisco de Assis Barbosa na casa do escritor, há um trecho que Lima Barreto não levaria para a versão definitiva do romance *Gonzaga de Sá*, mas que expressa o inusitado da almejada transformação do espaço urbano carioca:

Nota-se que em geral as grandes cidades, especialmente as européias, não têm um fundo de cordilheira como a nossa. Ora, se as grandes cidades não têm tal disposição natural e se o Rio quer ser das grandes à européia, deve arrasar as montanhas. Não há prejuízo algum com isso. A desvantagem única seria a supressão do Corcovado, montanha internacional e muito procurada pelos estrangeiros. Em substituição, pode-se erguer uma torre semelhante à Eiffel, em Paris. Até será muito melhor, pois ficará o Rio muito parecido com a capital da França. O aterro, proveniente do desmonte dos morros, servirá para alterar a baía, um incômodo, sepulcro de crimes e cuja beleza, no juízo dos políticos, é uma vazia banalidade de retórica (1961d, p. 119).

Ao macaquear o modelo arquitetônico francês, a elite dirigente brasileira concebia uma cidade para ser vivenciada por um cidadão tipo, um tipo ideal de cidadão que se trajaria com paletó e sapatos, como queria um projeto de lei discutido no Conselho Municipal *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

(SEVCENKO, 1995, p. 33). O modelo consagrado na Rua do Ouvidor deveria ser imposto a todo o centro urbano. Pretendeu-se instituir o uso de calçados a todos os habitantes, embora os ex-escravos, parcela considerável de sua população, fossem obrigados a andar descalços até bem pouco tempo. A adoção coercitiva e artificial do modelo europeu na capital levou Lima Barreto a chamar a cidade de capital casquilha, pois sua aparência não correspondia ao miolo do país.

O escritor daria vida a esse desajuste na pessoa de Cassi Jones, personagem do romance *Clara dos Anjos*, que aparece em suas palavras como o “tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro”. O suburbano Cassi Jones dirige-se à capital e experimenta uma realidade bastante diferente do seu cotidiano, sentindo-se como estrangeiro em seu próprio país (VELLOSO, 1983, p. 44-45):

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant’Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio, tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. [...]

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os placards dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma (BARRETO, 1961a, p. 169).

Cassi vivencia uma cidade distinta da de Gonzaga de Sá. O “tipo bem brasileiro” sentia um desconforto ao andar pelas ruas elegantes do centro do Rio de Janeiro. De outro lado, Gonzaga de Sá amava a cidade “por inteiro, exceto os subúrbios, que ele não admitia como cidade nem como roça, a que amava também como aquele amor de cousa d’arte com que os habitantes dos grandes centros prezam as coisas do campo.” Fascinado pela imagem do sertão decantada pela literatura, que ele mesmo reconhecia por irreal, Gonzaga de Sá desdenhava do subúrbio. Lima Barreto traduz nesse juízo da personagem o sentimento que os habitantes da Capital Federal nutriam pelo seu subúrbio, o absoluto desprezo. Decerto essa relação era favorecida pelo estado de “abandono em que os poderes públicos o deixam”, *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

“embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro” (BARRETO, 1961a, p. 117). Reconhecia nos dirigentes republicanos “uma vaidade singular: a vaidade de Botafogo e adjacências. O resto do Rio não existe; mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra” (2004 v. 2, p. 397). O escritor costumava evocar a identidade nacional para costurar seu argumento, que se reitera na crítica ao Prefeito Carlos Sampaio com sua aparente pretensão de dividir a cidade em duas: “uma será a européia e a outra será a indígena” (2004 v. 2, p. 294). Uma vez mais, o Rio de Janeiro aparece como capital espiritual do Brasil, resumindo um fenômeno que se inscreve no contexto mais largo da nação: “não nos conhecemos uns aos outros, dentro do nosso próprio país”.

Considerações finais

Câmara Cascudo traçou o perfil de Lima Barreto num precioso artigo publicado no *Diário de Notícias* em 1938. Nele o folclorista potiguar reconhece que, como seu Gonzaga de Sá, o escritor “amava o passeio sem rumo, diário, namorando casarios e vielas inidentificáveis nos roteiros do turismo”. Essa “mania ambulatória” justificaria “a precisão de suas figuras e a nitidez da paisagem, mesmo acidental com que ele enquadrava os temas dos contos e romances.” Cascudo lembra que Lima Barreto “amou, com olhos, espírito e paladar o Rio de Janeiro cidade e não a Capital Federal”, chegando mesmo a sugerir que o confrade retornasse para o Rio Grande do Norte: “se eu fosse você voltava para a sua Terra. O Rio de Janeiro só prestou no tempo dos Vice-Reis” (CASCUDO, 1938, p. 1).

Certa vez, os dois almoçaram numa rua transversal à Avenida Rio Branco no centro do Rio de Janeiro. Saíram do restaurante e Lima Barreto rumou em direção ao Palácio Monroe, iniciando, como de hábito, uma longa caminhada. Cascudo seguiu-o, mas, chegando ao Túnel de Copacabana, “já ia eu a seus rastros, amaldiçoando a obediência”. Passaram pela Avenida Atlântica, Ipanema e Leblon, até chegarem à Gávea. Exausto, Cascudo indagou a Lima Barreto a respeito do retorno, mas o romancista recusou e insistiu a continuar a caminhada: “Aí, com várias explicações deixei-o. Voltei furioso e molhado (de suor). Lima Barreto continuou, pensando, ruminando, abstraído, insensível à distância. Só se deteve, disse-me depois, na Tijuca” (Ibid., p. 4).

Lima Barreto fugia à regra de suas personagens e, embora morasse no subúrbio, ia todos os dias ao centro do Rio de Janeiro, para, entre outras coisas, contemplar a cidade. Essa *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

experiência individual transpôs para o plano ficcional, valendo-se da literatura para pensar a cidade, e da cidade para pensar o Brasil. Na sua obra, a experiência vivenciada dos habitantes da cidade caminha junto com o tema da identidade nacional brasileira. A experiência individual urbana possibilita a formação de uma consciência própria no indivíduo que se desenvolve para a composição de um sentimento da cidade. Este sentimento é compreendido como um direito que se agrega ao patrimônio intangível do ser humano, impedindo que abstrações de conveniência legitimadas pelo discurso da racionalidade técnica e científica interfiram na vida dos indivíduos. O mesmo impulso que anima seu humanismo alimenta sua compreensão do fenômeno urbano, o que se reflete numa leitura da identidade nacional que prestigia a maioria da população brasileira, a sua realidade, e não uma minoria interessada. Soube perceber o caráter instrumental que a elite republicana conferia à arquitetura, que se prestava a dar forma a uma identidade política e nacional de fachada, dissociada da realidade brasileira. Mais do que isso, identificou na imposição desse modelo arquitetônico e urbanístico uma interferência indevida na vida dos cidadãos, a violação de um direito. Nesta, como em outras batalhas, sairia vencido, ou, como costumava dizer, acabaria esmagado pela sociedade.

ABSTRACT: This article analyses the city of Rio de Janeiro on the works of the carioca writer Lima Barreto (1881-1922), focusing on national identity and lived urban experience. Since the writer recognized value on the individual experience of the inhabitants of Rio de Janeiro, he developed a resistance discourse against the official model based on the ideas of order, progress, civilization and hygiene. The writer elaborates arguments in his novels, tales, chronicles, and diaries, which put in tension the city of the excluded citizens and the national identity that wanted to be forgotten by the urban reforms of the early twentieth century.

KEYWORDS: National Identity. Lived Urban Experience. Rio de Janeiro. Lima Barreto.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. O espaço visual da cidade. In: _____. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Coisas do Reino do Jambon: sátira e folclore*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Correspondência*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Diário e íntimo: memórias*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Histórias e sonhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

- _____. *Os Bruzundangas: sátira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- _____. *O subterrâneo do Morro do Castelo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.
- _____. *Toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2 volumes.
- _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- _____. *Vida e morte de M. J. de Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- BOYM, Svetlana. *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books, 2001.
- CASCUDO, Câmara. Lima Barreto. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 out. 1938, Primeiro Suplemento, p. 1,4.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003.
- FABRIS, Annateresa. *Fragmentos urbanos: representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Brasília: Senado Federal, 2000.
- HUYSSSEN, Andreas. *En busca del futuro perdido: cultura y memoria en tiempos de globalización*. México: Fondo de Cultura Económica, Goethe Institut, 2002.
- KESSEL, Carlos. *Tesouros do Morro do Castelo: mistério e história nos subterrâneos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- KESSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, 2001.
- LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio. In: _____. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro e a “questão” nacional no início dos anos 20*. 1991. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- NEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NETO, Coelho. *Melhores crônicas Coelho Neto*. São Paulo: Global, 2009.
- Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 106-125, ago.-dez., 2010. Recebido em 01 out; aceito em 03 nov. 2010.

PEIXOTO, Afrânio. *Panorama da literatura brasileira*. Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1940.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira*. Prosa de ficção (de 1870 a 1920). Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

RESENDE, Beatriz. Sonhos e mágoas de um povo. In: BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. v. 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SANTOS, Affonso Carlos Marques dos. Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo. In: *A invenção do Brasil: ensaios de história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense.

VEJMELKA, Marcel. Uma arqueologia do Rio. Escavando *O subterrâneo do Morro do Castelo* de Lima Barreto. In: *Ensaio premiados: a obra de Lima Barreto*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2008.

VELLOSO, Monica Pimenta. *As tradições populares na Belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Funarte, 1987.